

Modelo assistencial permanece em crise

LUIZ QUEIROZ

✍ O projeto de saúde do governo ainda não decolou. A população continua a sofrer com o precário atendimento dos hospitais e postos de saúde, expondo o GDF a toda sorte de críticas. Em junho passado, o governo lançou a Reformulação do Sistema Assistencial (Rema), que previa a redução de 70% do movimento no atendimento emergencial.

A idéia era ter uma equipe multiprofissional para fazer uma triagem dos pacientes e só encaminhar os pacientes para internação de acordo com a gravidade de cada caso. Testes de gravidez, por exemplo, seriam feitos por esses centros de triagem, sem a necessidade da paciente ir à ginecologista. Desta forma evitariam consultas, bem como internações desnecessárias.

Modelo - Tal fato não ocorreu. No Hospital Regional de Taguatinga, apontado na época como um dos que se beneficiariam com as novas medidas, praticamente em nada mudou. Continua sobrecarregado, com falta de recursos para a compra de material e mantendo um atendimento precário à população.

Inspirado no SUS, a Rema acabou copiando o modelo assistencial e as mesmas falhas. Previa, por exemplo, o Plano de Carreira, Cargos e Salários para os funcionários da saúde, que não saiu do papel e só gerou expectativa.

“Dia 1º de julho é apenas o começo de um longo processo de mudanças, que não dá para dizer quando estará concluído”, anunciava na época o secretário-adjunto, Antonio Alves. Três meses e meio depois, a mudança mais comentada na área da saúde está sendo a saída do secretário João de Abreu, que deu lugar para a deputada distrital, Maria José Maninha.